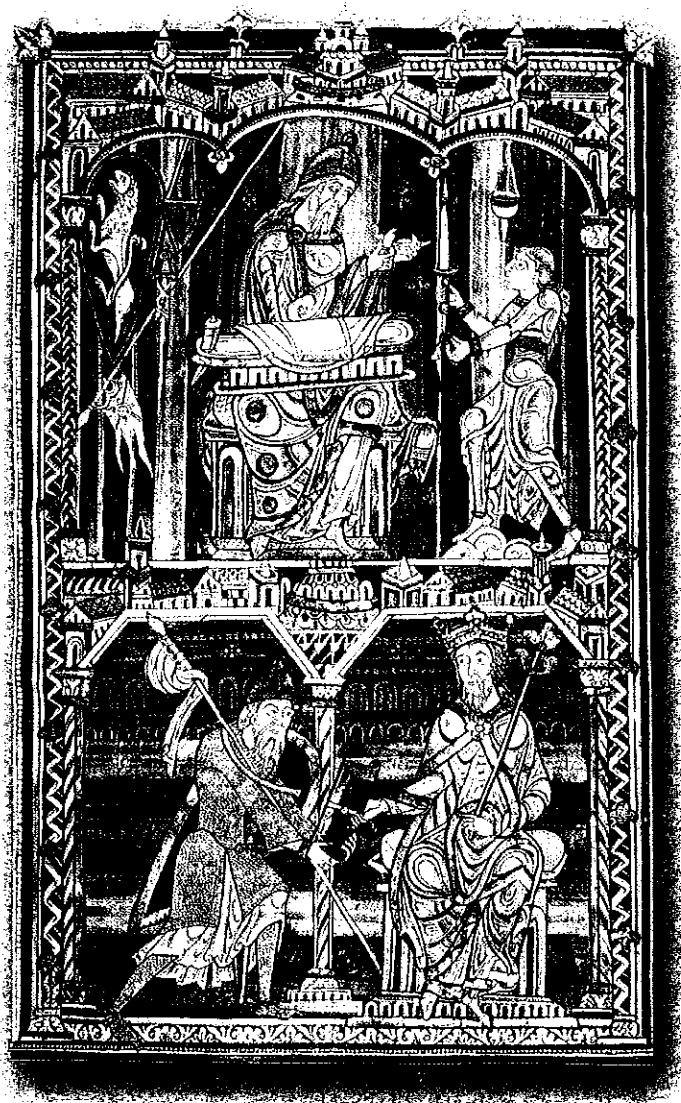


Os clássicos no tempo: Plínio, o Velho, e o Humanismo Português



Lisboa
Centro de Estudos Clássicos
2 0 0 7

- 7 – XIII, 12,77 (*et siccanctur sole plagulae atque inter se iunguntur* na região de Pelúcio no Nilo); *Vinc.*, I, n. 104; XIII, 12,74 (*praeparatur ex eo charta diviso acu in praetenues sed quam latissimus philyras*), *Vinc.* I, n. 104.
- 8 – XIV, 4,43 (*Alba Helvia*, na Narbonense, e Elvas), *Ant. Lus.*, IV, 202.
- 9 – XIX, 2,10 (*Ex eadem Hispania Zoelicum venit in Italiam, plagis utilissimum*, da terra dos Zoelae na Galécia), *vid.* III, 3,29; *Vinc.*, I, n. 104.
- 10 – XXV, 8,84 (*Vettonica*), *ver n. 1.*
- 11 – XXVI, 1,5 (*carbunculum*=antraz), *Gil*, III, 488-489.
- 12 – XXVIII, 2,21 (*verbum et incantamenta carminum*), *Vinc.*, I, n. 65.
- 13 – XXX, 2,13 (*Teviates, Teutates*, deus celta dos Gauleses), *Vinc.* II, n. 75.
- 14 – XXXII, 43,125 (siluro de novo), *Ant. Lus.*, II, 112.
- 15 – XXXIII, 6,100; 8,123 (*hydrargyron*), *Vinc.* II, n. 62.

O Commentum de Martinho de Figueiredo (1529) e as lições plinianas de Poliziano (*Naturalis Historia*, Bodleian Library Auct. Q.1.2)

ANA MARÍA TARRÍO
CEC – Univ. Lisboa
amt@fl.ul.pt

Em 1529, Martinho de Figueiredo, membro do Desembargo de D. João III, formado em Itália em Direito Civil e Canónico, publica em Lisboa uma edição com comentário da Carta-Prefácio da *História Natural* de Plínio. Trata-se de um texto excepcional, pois constitui um dos escassíssimos documentos hoje conservados da prática filológica humanística *stricto sensu*, produzidos e editados nos prelos do Portugal quinhentista¹. Considerada a primeira produção verdadeiramente humanística em Portugal, o *Commentum* constitui um elemento cimeiro na conhecida polémica em torno dos primórdios do humanismo português².

O carácter excepcional deste texto reside também no facto de se inscrever no conjunto de estudos humanísticos europeus inspirados no magistério de Angelo Poliziano. Martinho esclarece esta dependência no título da sua edição: «Carta de Plínio segundo lição verdadeira tirada de exemplares muito raros e antigos, por toda a parte procurados por Angelo Poliziano, com grande dispêndio e extrema diligência»³.

¹ Sigo o exemplar de Coimbra, BU R-28-20. No período anterior a Aquiles Estação e ao universo jesuítico, poucos estudos próximos ou paralelos ao que aqui estudamos podemos evocar: as notáveis *Enarrationes in Dioscoridem* de Amato Lusitano, obra cuja preparação remete para o período em que este autor vivia em Portugal, só foi publicada em Veneza, em 1553; a edição revista e aumentada do *Lexicon* médico de Nebrija, devida ao médico português Luís Nunes, incluída no *Dictionarium latino-hispanicum* do humanista castelhano, também foi publicado no estrangeiro, em Antuérpia, em 1545. Sobre o decisivo papel de Luís Nunes na própria conservação do glossário de Nebrija veja-se A. Carrera de la Red, «Presentación», a Nebrija, *Dictionarium medicum*, Salamanca, 2000, p. 9. Veja-se a descrição do exemplar do *Commentum* de Figueiredo em A. J. Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, p. 166, J. S. da Silva Dias, *A política cultural da Época de D. João III*, Coimbra, 1969, vol. I, t. I, p. 211, J. V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, Paris, 1989, II, pp. 886, 893, 933. O elenco dos restantes exemplares em *HISLAMP*, Lisboa, 1993.

² Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do séc. XVI*, Coimbra, 1947-48, vol. II, p. 6; J. S. Silva Dias, *op. cit.*, p. 211 e sobretudo J. V. de Pina Martins, *op. cit.*, p. 834, nota 159, polemizam com a posição de Américo da Costa Ramalho, que defende na sua vasta obra uma periodização anterior, centrada na figura de Cataldo Sículo.

³ «Epistola Plinii secundum veram lectionem ex exquisitissimis et antiquissimis exemplaribus, ab Angelo Politiano magnis sumptibus et summa diligentia undique perquisitis».

Contudo, numa perspectiva mais larga, a edição de Martinho não pode considerar-se isolada no seu meio, mas constitui uma prova evidente do interesse por Plínio em Portugal, verificável desde os primeiros anos do século XVI, e reiteradamente mantida durante todo o século em obras de geógrafos, médicos, matemáticos ou polígrafos portugueses, que encontravam neste autor latino uma referência imprescindível⁴. O estudo de Plínio emergira aqui, tal como no resto da Europa, na esteira do magistério filológico italiano da segunda parte do século XV; mas é evidente que o interesse sobre este autor enciclopédico se liga em Portugal ao ambiente gerado pelos Descobrimentos e ao novo papel concedido à *experientia* e à formação de uma nova maneira de entender a ciência nos seus variados ramos⁵.

O contexto de gestação e recepção do *Commentum* lusitano é claramente académico ou pedagógico. O editor português informa no seu título e na carta final os seus leitores que a elaboração da obra deriva directamente das suas lições sobre Plínio e outros autores dadas na Universidade de Lisboa (informação confirmada pelos registos desta instituição⁶) e também em aulas privadas para fidalgos cultivados e curiosos⁷. Os traços estilísticos do *Commentum*, por seu lado, deixam a impressão de apontamentos para *explanatio* escolar.

⁴ Numa e noutra área, a *Naturalis Historia* constitui um horizonte textual de permanente referência: L. F. Barreto, *Caminhos do saber no Renascimento Português*, Lisboa, 1986, p. 175.

⁵ O interesse de Poliziano pela matéria médica e botânica pode documentar-se desde os seus 18 anos: Juliana Hill Cotton, «Materia medica del Poliziano» in *Il Poliziano e il suo tempo. Atti del IV Convegno Internazionale di Studi sul Rinascimento (Firenze-Palazzo Strozzi, 23-26 Settembre 1954)*, Firenze, 1957, pp. 237-245. A obra de Plínio constituiu a principal base terminológica para as traduções de obras gregas desta matéria; por isso a discussão sobre Plínio é vital para os críticos de Teodoro Gaza, como E. Barbaro: Charles G. Nauert, «Caius Plinius Secundus» in *Catalogus Translationum et Commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries*, vol. IV, ed. F. E. Cranz, Washington, 1980, p. 305; V. Fera, «Un laboratorio filologico di fine Quattrocento: la *Naturalis Historia*», *Formative stages of Classical Traditions: Latin Texts from Antiquity to the Renaissance*, ed. O. Pecere - M. D. Reeve, Spoleto, 1995, pp. 435-466.

⁶ Conservam-se documentos que nos informam da discussão sobre o seu salário na Universidade de Lisboa, onde deu aulas de Retórica. Se em documento de 3 de Dezembro de 1524, onde já é apelidado «do Desembargo do Rei», o Conselho da Faculdade resiste aos protestos de Figueiredo relativos à modesta quantia recebida, já em documento de 7 de Março de 1525 o mesmo Conselho ratifica um aumento para 10.000 «reis». Em documento de 30 e 31 de Julho de 1517, o seu nome surge, entre outros doutores, no exame privado de Direito Civil de Álvaro Esteves: A. Moreira de Sá, *Auctuarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. II (1516-1529), Lisboa, 1975, pp. 304, 320 e 30.

⁷ O seu público não parece ter abrangido antigos alunos de Poliziano, como afirma M. J. de Araújo Ferreira Lopes, *Estudo sobre o «Commentum in Plinii Naturalis Historiae Prologum» de Martinho de Figueiredo* (Provas de Aptidão Pedagógica e Científica, sob a orientação do Prof. Américo da Costa Ramalho), Braga, 1996, p. 11. O descuido no registo de variantes ensinadas pelo seu mestre, como veremos, não parece condizer com um público já informado das lições do mestre italiano, sobretudo à luz do incunábulo lisboeta que contém a marca de outro aluno de Poliziano, Tristão Teixeira, com algumas variantes ensinadas pelo mestre e não incorporadas por Martinho. O tipo de aluno de Figueiredo, sobretudo nas suas aulas privadas, afigura-se, pelo contrário, um aluno culto e curioso, sem dúvida, mas desconhecido do ensino de Poliziano, aliciado precisamente pelo passado de Martinho como discípulo do ilustre humanista. Entre os seus alunos talvez se encontrasse o aristocrata autor do *De platano*, João Rodrigues de Sá de Meneses, como sugerimos na edição desta obra (proposta para publicação).

Não obstante isso, a carta-dedicatória a D. João III perspectiva esta publicação num outro sentido⁸. Nela encontramos uma manifesta imitação da própria carta-dedicatória latina que se comenta. A epístola programática onde Plínio – a um tempo homem de Estado e estudioso – formula, perante o futuro imperador Tito, o carácter e o alcance do seu *thesaurus* de erudição, ganha nova vida na carta de Martinho – também burocrata e erudito – ao seu soberano. Tal estratégia situava, de forma elegante, D. João III como novo imperador ocidental, émulo do grande Octaviano Augusto. Como seria de esperar, esta tática humanística era na altura muito prezada pelas duas monarquias hispânicas. Em Portugal, paralelo especialmente significativo oferece a actualização dos Proémios que Vitruvius endereçara a Augusto, aplicada a D. João III também, agora como patrocinador dos novos projectos de renovação urbanística nas cidades do reino, em especial Lisboa e Évora⁹.

Tanto o *Commentum* como o próprio perfil do seu autor, que se apresenta como *Portugaliae Regis senator* no título da obra, constituem expoentes dessa simbiose entre o homem de Estado e o académico, entre o filólogo erudito e o burocrata que Martinho de Figueiredo tinha observado na sua estância em Itália, em figuras como Ermolao Barbaro, patriarca de Aquileia e simultaneamente o mais eminente filólogo pliniano do seu tempo. Este humanista, autor das *Castigationes pliniana* (1492-1493), obra exímia na história da tradição textual europeia, é citado por Martinho, ainda que, como veremos, tenha sido escassamente aproveitado em termos de variantes textuais.

Nas páginas seguintes, não será possível atender ao notável conjunto de assuntos que suscita a leitura da obra do jurista palaciano de D. João III, até agora insuficientemente estudada¹⁰. Iremos apenas abordar a relação específica do *Commentum* com o ensino de Poliziano em Florença em 1490, e enquadrar minimamente esta ocorrência lusitana no âmbito da divulgação e prestígio contemporâneos de Poliziano na Europa dos anos 20 do século seguinte. Do conjunto da obra de Figueiredo (edição e comentário) será tida em conta sobretudo a lição textual da *Praefatio* oferecida por Martinho, dado que uma análise detida da secção do comentário ultrapassaria os limites do tempo concedido e a natureza desta contribuição.

⁸ Américo da Costa Ramalho editou e traduziu as duas cartas dedicatórias do *Commentum* na antologia *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, 1985, pp. 136-153.

⁹ S. Deswarte, *Ideias e imagens em Portugal na época dos Descobrimentos*, Lisboa, 1992, p. 176.

¹⁰ Os dados biográficos conhecidos, tirados fundamentalmente da própria obra de Martinho, foram reunidos por Américo da Costa Ramalho na Enciclopédia *Verbo*, 8, p. 1293; cfr. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, 440. A formação de Martinho em Lisboa e em Itália pode seguir-se em Moreira de Sá, *Chartularium Universitatis Portugalensis* (1288-1537), Lisboa, 1985, vol. IX, pp. 249-251; J. S. Silva Dias, *op. cit.*, p. 209. Nauert, *op. cit.*, pp. 380-381, regista a obra pliniana de Martinho, mas apresenta uma biografia bastante incompleta e errada, como acontece ao negar que não esteja documentado que ele tenha sido aluno de Poliziano. Martinho ocupou uma cátedra de Filosofia Moral na Universidade de Lisboa em 1524 segundo F. Leitão Ferreira, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1937-1956, I, pp. 830-831. Cfr. Nicolás Antonio, *Bibliotheca Hispana Nova*, II, 101. Sobre a edição impressa do *Commentum* do ponto de vista iconográfico veja-se J. V. Pina Martins, *op. cit.*, 1971, pp. 171-172.

1. O *Commentum* e o estudo humanístico de Plínio. O magistério de Poliziano

Um editor de Plínio em 1529 tinha diante de si um ingente trabalho editorial. Só em Itália, antes de 1500, tinham vindo à luz seis edições impressas da *História Natural*¹¹.

Outras surgiram de seguida em vários pontos da Europa por volta de 1500. No período anterior à edição portuguesa, em 1516, saía em Paris a excelente edição de Nicolaus Beraldus (Bérault, em vernáculo), que incorporava propostas editoriais de Barbaro, Beroaldo, Sabellico, Erasmo, Budé e Christophorus Longolius. Em pleno fervor dos protestos reformistas, no inverno de 1517-18, Johannes Ragius ensinava Plínio em Wittenberg de maneira intencional e programática, como contestação ao protagonismo absoluto de Aristóteles em matéria de filosofia natural. Depois da sua morte, continuara este projecto pliniano o brilhante jovem Philip Melanchton. Em Basileia, em 1525, fora publicada outra edição de Erasmo, com comentário de Beatus Rhenanus, que incorporava o principal trabalho italiano de emenda textual, com contribuições menores do próprio Erasmo¹².

¹¹ À edição *princeps*, Veneza, 1469, sem indicação de editor, seguiram-se a de Giovanni Andrea Bussi (Roma, 1470), Niccolo Perotto (Roma, 1473), Filippo Beroaldo (Parma, 1476), Angelo e Giacomo Britannici (Brixiae, 1496) e Giovanni Battista Palmari (Veneza, 1497); Remigio Sabbadini, *Le edizioni quattrocentistiche della Storia Naturale di Plinio*, Firenze, 1900; V. Fera, «Un laboratorio...», *op. cit.*, pp. 435-466; Jean-Louis Charlet, «Une querelle au sein de la *Res publica litterarum*: la question de Pline l'Ancien de 1469 au milieu du XVI siècle», *Acta Conuentus Neolatini Cantabrigiensis*, ed. J.-L. Charlet, Arizona, 2003, pp. 7-21.

¹² O *Commentariolus in prooemium Plinii* (1470-1473) de Nicolaus Perottus foi publicado nas suas *Cornucopiae linguae latine*. Veja-se o exemplar impresso em Veneza, Dionisio Bertocchi, 12 de Maio 1494, BNL Inc. 903. Consiste numa carta de demonstração de 22 *errores* presentes na segunda edição impressa de Plínio, a de Johannes Andreas de Bussi (Roma, Conradus Sweynheym e Arnoldus Pannart, 1470). A carta também testemunha os potenciais malefícios da difusão impressa de um determinado texto antigo e propõe uma censura prévia para garantir a qualidade das edições. Cfr. Jean-Louis Charlet, «La lettre de N. Perotti à Francesco Guernieri: un commentaire à la Préface de Pline qui annonce le Cornu copiae», *Studi Umanistici Piaceni* 19 (1999), 38-46. Cornelius Vitellius escreveu uma carta-comentário dirigida a Parthenius Benacensis e relativa apenas à *Praefatio* por volta de 1473, também publicada juntamente com o *Commentariolus in prooemium Plinii* de Perotto. Raphael Regius publicara umas *Epistolae Plinii Enarrationes*; veja-se o exemplar de Venecia, Guglielmo Anima Mia, 23 de Maio de 1490, BPADE Inc. 460; Georgius Valla elaborou um comentário à *Praefatio* e ao livro segundo, publicado postumamente pelo seu filho (*In Plinii praefationes primi libri naturalis historiae obscuriores locos interpretatio*, Venetiis, Marcus Firmanus e Simon Bivilaqua, 1502); Marinus Becichemus editou também um estudo só do livro primeiro: *Elegans ac docta in C. Plinium Praelectio* (25 Agosto de 1503) e *In primum Naturalis historiae librum obseruationum Collectanea* (1504). Trata-se de uma recompilação de materiais das suas lições como reitor do Colégio da cidade de Brescia (1501-1508). Conservam-se exemplares em Portugal: BNL S. A 1781 A; BNL S. A 1782 A; Benedictus Jovius, *Enarratio praefationis historiae naturalis C. Plinii Secundi*, elaborou um comentário só da *Praefatio*, conservado só em forma manuscrita (Biblioteca Ambrosiana, MS. J 47 inf.); Antonius Faber também publicou uma monografia sobre a carta pliniana: *Antonii Fabri Ferrariensis commentationes in praefationem naturalis historiae*, Roma, Iacobus Maochius, 1510; Beatus Rhenanus publicou em Basel, em 1526, um comentário ao livro primeiro em forma de carta, servindo-se do *codex Murbacensis* hoje perdido; também Philippus Melanchton, como resultado da sua docência em Wittenberg: *Plinianae Praefationis*, Haganoae, Johannes Secerius, 1527, com a tradução latina de Demóstenes, *Contra Aristogi-*

Por outro lado, tinha-se desenvolvido na *Respublica litterarum* europeia uma verdadeira moda de edição e comentário da *Praefatio*, tomada como assunto monográfico de publicação. Este texto tinha assim alcançado verdadeira autonomia no trabalho humanístico: Cornelius Vitellius, Raphael Regius, Georgius Valla, Marinus Becichemus, Benedictus Jovius, Antonius Faber e Beatus Rhenanus publicaram antes de Martinho estudos dedicados exclusivamente ao livro primeiro (que continha a carta-dedicatória e o *Index*). Na Península Ibérica, pouco antes do *Commentum* de Martinho, o humanista Francisco de Villalobos, médico de Fernando o Católico e do Imperador Carlos, editara uma *Glossa litteralis in primum et secundum naturalis historiae libros* em 1524¹³.

Ao tempo em que o Desembargador de D. João III preparava a sua edição e comentário, também o célebre Fernán Núñez de Guzmán, El Pinciano, andava a estudar e ensinar Plínio em Salamanca, ainda que no comentário de sua autoria, posteriormente impresso em 1544, se centre apenas nos livros II a XXXVI¹⁴. É significativo o facto de El Pinciano ter utilizado nesta altura dois códices hispânicos plinianos, identificados como *codex Toletanus* e *codex Salmanticensis*¹⁵.

Martinho de Figueiredo filia-se explicita e exclusivamente no trabalho editorial de Poliziano. Ora, sucede que Poliziano nunca chegou a publicar uma edição de Plínio, pois morreu de peste, prematuramente, em 1494. Apenas viram a luz do dia alguns comentários avulsos de diversos *loci* problemáticos do conjunto da *História Natural* nas suas *Miscellaneorum Centuriae*.

Por isso, é natural que Martinho exhiba orgulhosamente, em 1529, a sua qualidade de discípulo do humanista florentino, e, como tal, possuidor do tesouro de uma incomparável *castigatio* textual a que só haviam tido acesso uns poucos eleitos. De facto, o nome de Martinho de Figueiredo surge nos registos do *Studium* florentino no ano académico de 1489-1490, justamente o ano em que Poliziano ministrou um curso privado sobre Plínio a um grupo de estudantes ingleses e portugueses¹⁶. Os colegas de Martinho nestas aulas privadas foram os

tonem. Os eruditos tinham já à sua disposição o *Index Plinianus* em duas partes (geográfico e geral) do franciscano vienense Johann Camers (1514) incorporado sucessivamente nas edições de Plínio. Mais pormenores em Nauert, *op. cit.*, pp. 326-373.

¹³ Nauert, *op. cit.*, pp. 361-363.

¹⁴ *Observationes Fredenandi Pintiani, professoris utriusque linguae et humanorum studiorum in inclita academia Salmanticensi, in loca obscura aut deprauata historiae naturalis C. Plinii*, Salmanticae, Ioannes Iunta, 1544.

¹⁵ Estes códices hispânicos surgem também num manuscrito com notas a Plínio, onde se faz referência a um Petrus Ciacconius que teria trabalhado com os códices *Toletanus et Salmanticensis*: «in libro septimo Plinii Naturalis Historiarum annotata a Petro Ciacconio ex manuscriptis Toletan et Salmanticensi», Bruxelles, Bibliothèque Royale Ms. 8481-8483, fol. 161r; seguem-se duas páginas de glosas a Plínio; cfr. Nauert, *op. cit.*, pp. 392-395.

¹⁶ A. F. Verde, *Lo Studio Fiorentino 1473-1503. Ricerche e documenti*, vol. 2, Pistoia, «Memorie domenicane», 1973, pp. 26-27 e vol. 5, Firenze, 1994, cap. XIX, p. 262, confirma a docência de Poliziano no ano académico de 1490 e também a presença de Martinho de Figueiredo como *studens iuri* (*ibid.*, vol. 3, tomo 2, Pistoia, 1977, N.º 944, p. 635). Na época destes estudantes portugueses, o itinerário italiano parece ter sido tendencialmente primeiro Florença, depois Roma e a seguir Ferrara: Giulio Bertoni, «Umanisti portoghesi a Ferrara (Hermico e Didaco)», *Giornale storico della Letteratura italiana* 114 (1939), 46-49. Na sua correspondência de 1489 com o pai dos três irmãos, João Teixeira, Poliziano (*Epist.* X. 1; X. 3) louva a progressão nos estudos dos seus filhos, que também são mencionados na célebre carta de João II a Poliziano (Lisboa, 23 de Outubro de 1491, *Epist.* X. 2).

ingleses Linacre e Grocyn e, entre os portugueses, os irmãos Teixeira e Aires Barbosa. Um ilustre condiscípulo fora também Giovanni dei Medici, o futuro Leão X, que talvez não casualmente será um papa filo-luso¹⁷.

Martinho partira para Itália com outros compatriotas num período de intensa apropriação do capital cultural italiano por parte de Portugal, o reinado de D. João II. É o tempo da chegada do preceptor Cataldo Sículo e do escultor e arquitecto Andrea Sansovino¹⁸. Nesse ano de 1490 encontrou em Florença Poliziano a recolher os primeiros elogios sobre a sua obra *Miscellanea*. O humanista ensinava na altura épica homérica numa Florença onde partilhava inquietações com Pico della Mirandola (já ostracizado e mergulhado no comentário dos Salmos, sempre à procura de uma harmonia universal de todo o saber), com Marsilio Ficino (que continuava a traduzir textos-chave para alicerçar a sua teoria neoplatónica dos divinos mistérios do amor universal), e com Girolamo Savonarola (que pregava a necessária renovação da Igreja e a subordinação da vida moral às Sagradas Escrituras). Figueiredo estudou nesta Florença, num tempo em que se intensificavam as relações entre Itália e Portugal, muito embora elas tenham de ser inscritas e enquadradas numa mútua desconfiança político-comercial¹⁹.

Podemos aproximar-nos do que deve ter sido o tipo de ensino que recebeu Martinho por intermédio de uns *recollecta* de um aluno toscano de Poliziano, conservados num manuscrito miscelâneo da biblioteca de Munique (Bayerische Staatsbibliothek, ms. 754, fols. 285-291v^o). Ainda que estas notas de aula apenas se refiram ao livro X da *História Natural*, elas confirmam que Poliziano situava o momento central da aula na consulta de manuscritos antigos e que habitualmente recorria à epigrafia e a outros ramos do saber não literários (inscrições, moedas, esculturas antigas) para clarificar passos dos autores da antiguidade²⁰.

¹⁷ A mesma estratégia observada nos percursos destes alunos portugueses (formar-se em Itália para posteriormente desenvolver actividades relevantes na pátria) encontramos nos alunos ingleses, também discípulos deste humanista: Linacre regressará a Inglaterra em 1498 para fundar o *Royal College of Physicians of London*; desta cidade enviará uma tradução de Proclo a Aldo Manuzio, publicada por este último na antologia *Scriptores astronomici ueteres* de 1499; Robert Weiss, «Un allievo inglese del Poliziano: Thomas Linacre» in *Il Poliziano e il suo tempo. Atti del IV Convegno Internazionale di Studi sul Rinascimento (Firenze-Palazzo Strozzi, 23-26 Settembre 1954)*, Firenze, 1957, pp. 231-245; V. Branca, «Il Poliziano nello Studio Fiorentino. Nuove notizie e nuovi dati» in *Humanisme actif. Mélanges d'art et de littérature offerts à Julien Cain*, Paris, 1968, pp. 181-186, em p. 185; J. M. S. Cotton, «Ex libris Politiani, II», *The modern language Language Review*, 32. 3 (1937), 394-399.

¹⁸ O papel na corte portuguesa de Cataldo Sículo foi objecto da atenção em múltiplas obras de Américo da Costa Ramalho. Veja-se, por exemplo, com bibliografia remissiva, «Cataldo e D. João II», *O Humanismo Português (1500-1600). Primeiro Simpósio Nacional (21-25 de Outubro de 1985)*, Lisboa, 1988, pp. 11-29. Sansovino esteve ao serviço da corte portuguesa na década de 1490-1500: G. Battelli, «Il Mausoleo del Sansovino per il principe reale di Portogallo», e «Sculture del Sansovino a Lisboa e a Coimbra», separatas de *Illustrazione toscana*, Florença, 1933.

¹⁹ P. Verrua, *Umanisti ed altri «studiosi uiri» italiani e stranieri di qua e di là dalle Alpi e dal Mare*, Genève, 1924, p. 102. Por volta de 1500, a República de Veneza enviava Lorenzo da Camerino, professor no *Studio* de Pádua, a Lisboa, pretensamente para tratar de assuntos públicos, na realidade para informar o Senado dos primeiros estabelecimentos comerciais na Índia. Camerino imprimiu em Junho de 1501 uma carta sobre as navegações de Luigi Ca' da Mosto.

²⁰ O tipo de escrita, cheio de abreviaturas, as numerosas rasuras e hesitações sugerem que o aluno está a escrever o que ouve, e também que conta com um texto fixado ao qual se

As obras publicadas de Poliziano confirmam o seu método: a primazia concedida aos códices mais antigos, a *emendatio per auctoritatem* (correção mediante outros autores), a *emendatio per rationem* (a *coniectura*), assim como uma notável preocupação pela contextualização histórica do texto. Só no século XIX encontraremos, aliás, alguns dos seus procedimentos de crítica textual, como a *eliminatio codicum descriptorum*²¹.

Os referidos *recollecta* de Munique mostram que nas suas *explanationes* Poliziano usava três línguas: grego, latim e romance. A presença da língua toscana pode relacionar-se, por outro lado, com o êxito do «volgarizamento» pliniano de Cristoforo Landino em 1476, sem dúvida conhecido por Martinho, tal como por outros compatriotas já desde inícios do século, como revela o *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pacheco de 1507²².

A importância do conhecimento do grego para o estudo dos autores latinos era uma divisa de Poliziano que se tornava especialmente pertinente no trabalho sobre a *História Natural*. Esta língua está também presente no *Commentum* português, com os condicionamentos impostos pelas deficiências dos prelos de Germão Galharde²³. Um sobrinho de Martinho de Figueiredo, Aires Barbosa, também aluno do mestre florentino, incutira nos primeiros decénios do século XVI esta ideia da relevância dos estudos de grego na sua docência pioneira em

refer. O confronto com as notas do incunábulo bodleiano Auct. Q. 1.2 deixa entender que estes apontamentos correspondem ao ensino de Poliziano: V. Fera, «Un laboratorio...», *op. cit.*, pp. 435-466; cfr. *Mostra del Poliziano nella Biblioteca Medicea Laurenziana. Manoscritti, libri rari, autografi e documenti*. Catalogo a cura di A. Perosa, Firenze, 1955, pp. 80-81; I. Maier, *Les manuscrits d'Ange Politien*, Genève, 1965, pp. 205-207. Outro aluno do mestre florentino anotou as lições num incunábulo de Vergílio (que permite precisar que as lições de Poliziano sobre este poeta latino devem datar-se em 1487): V. Branca, «Il Poliziano...», *op. cit.*, p. 184. Outro exemplo deste tipo de *recollecta* plinianos, mas desta vez procedentes do ensino de Beroaldo, encontra-se nos apontamentos de Richard Graman, aluno alemão de Beroaldo que anotou a *explanatio* da *Naturalis Historia*, incluindo a *praefatio*, deste humanista, obra tão-pouco publicada, como a de Poliziano. Conserva-se num manuscrito miscelâneo de Trier, juntamente com outros documentos datados em torno de 1480: R. Graman, *Explanatio epistolae Plinii ante naturalis historiae libros positae sub Philippo Beroaldo Collecta*, Trier, Stadtbibliothek, MS. 1110, fols. 245r-246r; cfr. Nauert, *op. cit.*, p. 333.

²¹ S. Rizzo, *Il lessico filologico degli umanisti*, Roma, 1973, pp. 260ss.; Anthony Grafton, «On the scholarship of Politian and his context», *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 40 (1977) 150-188 e *Joseph Scaliger. A Study in the Classical Scholarship I*, Oxford, 1983; M. Koortbojian, «Poliziano's role in the History of Antiquarianism and the rise of Archaeological methods» in *Poliziano nel suo tempo. Atti del VI Convegno internazionale (Chianciano-Montepulciano 18-21 giugno 1994)*, Firenze, 1998, pp. 265-273; V. Fera, «Un laboratorio...», *op. cit.*, p. 445; L. D. Reynolds - N. G. Wilson, *Scribes and Scholars. A guide to the Transmission of Greek and Latin Literature*, Oxford, 1974, pp. 128-129.

²² Depois da edição *princeps* (Veneza, 1476), foi sucessivamente reimpressa (1481, 1489, 1501, 1516...). Esta tradução, com o seu prefácio neoplatónico, terá notável acolhimento em Portugal no século XVI: S. Deswarte, *Il «perfetto cortegiano» D. Miguel da Silva*, Roma, 1989, 6-64; *Ideias e imagens em Portugal na época dos Descobrimentos*, Lisboa, 1992, pp. 145-153; «Neoplatonismo e arte em Portugal» in *História da Arte Portuguesa*, dir. P. Pereira, Lisboa, 1995, pp. 516-519.

²³ Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre o século XVI*, Coimbra, 1983, pp. 313-314, alude a estas deficiências a propósito da obra de João de Barros, *Ropica Pneufma*; aí também indica uma possível relação entre o estranho título de Barros e a discussão pliniana sobre os títulos gregos na *Praefatio*, comentada por Martinho três anos antes da publicação de Barros.

Salamanca, assim como no período posterior em que foi preceptor dos filhos de D. João III, D. Afonso e D. Henrique (1523-1530). Por outras palavras, Aires Barbosa, que Martinho elogia na sua Carta a D. João III²⁴, estava na corte, no tempo de preparação do *Commentum* de Figueiredo²⁵ e haverá que recordar que o introdutor do ensino do grego na Península havia elogiado em 1511 Ermolao Barbaro, que conheceu nos tempos da sua juventude em Florença, como figura pública eminente dedicada simultaneamente ao estudo mais rigoroso de Plínio²⁶.

2. O texto pliniano do *Commentum* e a *castigatio* de Poliziano

A confirmação do referido curso a que assistiu Martinho de Figueiredo surge num exemplar da *História Natural* (edição de Perotto, 1473) conservada na Biblioteca Bodleiana de Oxford, Auct. Q. 1.2:

«A 30 de Abril de 1490, eu, Poliziano, colacionei este mesmo exemplar com três códices vetustíssimos: dois da Biblioteca florentina de S. Marcos e um terceiro que recebi do rei Fernando, e que tinha sido propriedade de Leonardo Aretino [...]; no mesmo ano, a pedido de uns estudantes ingleses e portugueses, que frequentavam o Studio florentino e tinham desejo de aprender, expliquei-lhes privadamente este autor durante um semestre.»

A *inscriptio* vem precedida de uma outra, dez anos anterior, em que Poliziano regista um primeiro estudo do exemplar²⁷.

Visto que não se conhece uma edição de Plínio elaborada por Poliziano, este exemplar é extremamente valioso no momento de considerar a anunciada dependência de Martinho relativamente à *castigatio* textual do seu mestre. Este incunábulo contém um importante número de notas de diversas tintas e mãos que registam variantes textuais. As notas não são autógrafas de Poliziano, devem antes atribuir-se possivelmente aos seus amanuenses ou até aos próprios alunos²⁸. O incunábulo oferece até um sistema de siglas próprio para identificar

²⁴ Martinho de Figueiredo, «Carta a D. João III», *loc. cit.*, p. 143.

²⁵ Os principais dados biográficos sobre esta figura foram compilados por A. Costa Ramalho, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dir. J. J. Cochofel, Mirandela, 1977, vol. I, p. 593; S. Tavares de Pinho, *Biblos*, Lisboa, 1995, vol. I, p. 537.

²⁶ No prólogo ao seu comentário a Quintiliano: *In uerba M. Fabii. Quid? quod et reliqua*, Salmanticae, Juan de Porras, 1511, BNL F. 1362, I. iv., fol. 29.

²⁷ «Anno dein MCCCCLXXX pridie Kalendas Maias: Cum tribus uetustissimis codicibus contuleram Idem Politianus, hoc ipsum exemplar, quorum duo ex Diui Marci Florentina bibliotheca; tertium e regis Ferdinandi, quod et Leonardi quondam Arretini fuerat, accepi [...] quin hoc ipso anno priuatim Britannis quibusdam et Lusitanis, qui se Florentiam contulerant litterarum studio, cupientibus atque a me petentibus enarraui Septimestri spatio». As duas *subscriptions* (1485 e 1490), que se lêem no espaço que sobra na última folha com o texto pliniano em Auct. Q. 1. 2, foram transcritas e comentadas por J. M. S. Cotton, *op. cit.*, pp. 395-396.

²⁸ O incunábulo oxoniense parece reflectir uma prática habitual do humanista florentino nos seus impressos. Assim, na mesma biblioteca oxoniense conserva-se uma edição parmense de Ovídio, que contém as leituras do códice *Marcianus* dos *Tristia*. Também se conservam as suas *collationes* de um manuscrito das *Siluae* de Estácio que era seguramente o que Poggio encontrou em 1417. A *editio princeps* dos *Scriptores res rusticae* inclui igualmente anotações tiradas de um manuscrito antigo de Columela (sem dúvida, Milano, Biblioteca Ambrosiana, L 85 sup., proce-

os códices – os exemplares raríssimos e antigos dos que fala Martinho no título do seu estudo, sem, porém, os identificar²⁹:

- c *Codex regius antiquus*: códice do século XII que, na primeira metade do século XV, se encontrava em Florença, primeiro entre os livros de Salutati, depois na biblioteca de Bruni. Antes de entrar na Biblioteca do rei de Aragão, tinha pertencido a Antonio Panormita, como esclarece o próprio Poliziano na sua *Miscellanea*. Em 1490, Poliziano solicitou-o para o consultar em Florença. Hoje conserva-se desmembrado: os livros VII-XV em Oxford, Bodl. Libr., Auct. T. I. 27, e os livros XVI-XXXVII em Paris, Bibl. Nat., lat. 6798.
- b códice de biblioteca de S. Marcos = Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Plut. 82.1-2, s. XII-XIII
- a códice de biblioteca de S. Marcos = Firenze, Biblioteca Riccardiana, 488, s. IX *med.*
- d *novus aliorum*
- e *novus Nicoli*.

Com a sigla *h*, Poliziano introduziu as emendas de Ermolao Barbaro, emendas que serão publicadas nas suas *Castigationes* (1492-1493)³⁰.

Martinho incorpora na edição do texto latino algumas emendas presentes no incunábulo oxoniense³¹. Porém, esquece ou rejeita outras assaz importantes e pertinentes. Tão-pouco incorpora no comentário muitas das lições do incunábulo³².

dente de Fulda) e o arquétipo perdido das obras sobre agricultura de Catão e Varro. Poliziano também estudou e copiou o manuscrito de Celso descoberto por Giovanni Lamola em Milano em 1427 (Firenze, Biblioteca Laurenziana, Plut. 73.1). A sua cópia de Pelagonius, *Ars Veterinaria*, é hoje a única fonte do texto (Firenze, Biblioteca Riccardiana 1179).

²⁹ Ida Maier, *op. cit.*, pp. 351-352, considera autógrafa uma das mãos que se documentam no impresso, ao invés de J. M. S. Cotton, *loc. cit.*, que as considera todas derivadas de amanuenses; parece-nos mais adequado considerar que a integração dessas se pode enquadrar no âmbito do ensino praticado por Poliziano e que elas correspondem eventualmente a mãos dos próprios alunos que participavam no curso. Uma rápida alusão a este exemplar encontra-se em L. D. Reynolds - N. G. Wilson, *op. cit.*, p. 129. Em *A Catalogue of books printed in the fifteenth century now in the Bodleian Library*, ed. Alan Coates, Kirsitan Jensen, Cristina Dondi, Bettina Wagner and Helen Dixon, Oxford, 2005, vol. V, P-36, p. 2103, aparece registado o incunábulo mas não se oferece nenhuma informação sobre as notas de Poliziano. Uma descrição dos códices Medicei utilizados por Poliziano em *Firenze e la scoperta dell'America. Umanesimo e geografia nel '400 fiorentino*, ed. S. Gentile, Firenze, 1992, pp. 54-58.

³⁰ Os documentos epistolares provam o seu intenso intercâmbio de argumentos em matéria de problemas de edição textual: Nauert, *op. cit.*, p. 338.

³¹ Veja-se, por exemplo, no ponto I do Anexo, a variante *triumphalis*, emenda importante porque constitui um dos principais argumentos de apoio para identificar o destinatário da carta pliniana (aludido na *inscriptio* como *Vespasiano Caesari*) com Tito e não com Domício. No incunábulo bodleiano esta emenda aparece indicada como tirada dos códices *c* e *b*. No seu *Commentum*, fol. 6r^o-6v^o, Figueiredo alude à existência de uma controvérsia textual neste ponto, mas não especifica os nomes dos comentaristas envolvidos. Encontramos este tipo de omissão nas restantes ocorrências sobre *loci* problemáticos no *Commentum*. Veja-se a entrada sobre «maxime/maximi/maximo» em *Commentum*, fol. 2 v^o. O mesmo na discussão sobre o termo «Encyclopadias» em *Commentum*, fol. 23v^o.

³² No *Commentum*, fol. 34r^o-34v^o, ratifica sem argumentos sólidos a variante errada «iam, iam» corrigida no incunábulo oxoniense (veja-se o ponto II do Anexo), assim como no comentário à sua lição «obiicere moliar» («Carta aos leitores», ed. Costa Ramalho, *loc. cit.*, 151 e *Commentum*, fol. 3 v^o) ainda que neste caso reconhece a existência de outras variantes. No caso de «Lelium Decimum», emendado por «Junium Brutum» por Poliziano não refere tal emenda (*Commentum*, fol. 15r^o-15v^o). No seu comentário do passo «Nec fiducia operis haec est sed dica-

A este respeito oferece valiosa informação um outro incunábulo conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, que tem sido preterido e provavelmente desconhecido pelos investigadores do trabalho pliniano de Poliziano. Trata-se de um exemplar da edição de Beroaldo da *História Natural* (1480, BNL Inc. 462), com a marca de posse «Tristam Teixeira», que, como dissemos, fora também aluno de Poliziano. As abundantes notas manuscritas em tinta preta e em tinta vermelha registam várias emendas de Poliziano, como se depreende do cotejo com as variantes do incunábulo oxoniense. Podemos atribuir verosimilmente as notas em BNL Inc. 462 ao nome que figura na marca de posse, se bem que Tristão Teixeira tenha falecido prematuramente em Itália, em 1497, com 19 anos. Inclusive, dado que existem várias mãos, algumas poderão ser atribuíveis aos seus irmãos, também alunos de Poliziano. Porventura a Luís Teixeira, que justamente ensinou Plínio, entre outros autores, a D. João III, ainda príncipe³³.

Nas notas deste exemplar olissiponense, encontramos curiosamente emendas derivadas da *castigatio* de Poliziano não incorporadas por Martinho, como *Lelium Decimum* para *Iunium Congium*, uma emenda também sugerida por Ermolao Barbaro³⁴.

Nem Figueiredo nem Tristão Teixeira (ou os anotadores do seu incunábulo) incorporam, no entanto, outras emendas bem claras em Auct. Q. 1.2, como a nota «Mousai» para «iam iam mos» do texto impresso, também explicada por Ermolao Barbaro nas suas *Castigationes*. No seu comentário (*Comm.*, fol. xxxiiii), Martinho ratifica a variante errada «iam iam mos», previamente admitida no seu texto, explicando «iam iam» como recurso intensivo de Plínio para salientar o abuso grego dos nomes exóticos («ac si diceret in tantum deumentum est abusum») e «mos» como indício do seu carácter habitual ou frequente («hoc est frequens»). Note-se, porém, que a emenda completa de todo o passo (com a posterior sucessão de títulos gregos) figurava na edição de Beraldo de 1516 (Anexo II).

Surprende particularmente a ausência, tanto em Martinho como no Inc. 462, da emenda à variante «mussitamus». Figueiredo destaca este verbo no seu comentário (*Comm.*, fol. 29), limitando-se a registar o aparecimento do termo em Plauto, Terêncio e Virgílio, sem indicar a variante «musinamur», que se lê numa das notas do incunábulo oxoniense e que Poliziano aceita e justifica na sua *Secunda Centuria*³⁵. É certo que a *Secunda Centuria* se conservou manuscrita (só foi editada recentemente por V. Branca e M. P. Stocchi), mas é verosímil que

tura» (*Commentum*, fol. 29r^o) corrigido por Poliziano no incunábulo oxoniense, nada refere sobre variantes.

³³ Henrique Caiado, em carta a Álvaro Teixeira, datada a 29 de Setembro de 1500, lamenta a morte prematura de Tristão com 19 anos («Hermicus Caiadus Lusitanus Alvaro Tessirae suo», in *Les «Éclogues» d'Henrique Caiado ou l'humanisme portugais a la conquete de la poesie neo-latine*, ed. Claudie Balavoine, Paris, 1983, pp. 174-75). Tristão partiu muito novo de Portugal e verosimilmente compôs em Itália as duas composições publicadas no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, ed. Aida F. Dias, Lisboa, 1990-94, vol. II, 204-205, p. 20; 206, p. 21.

³⁴ Veja-se o ponto II do Anexo.

³⁵ Angelo Poliziano, *Miscellaneorum centuria secunda*, ed. V. Branca e M. P. Stocchi, Firenze, 1978, pp. 23-24 informa, a propósito da voz «mussitamus»: «Vetustus est in bibliotheca Ferdinandi regis plinianus codex quem de Leonardi Arretini haeredibus olim emerat Florentiae Antonius Panormitanus, cuius mihi aliquando lectitandi fors fortuna copiam fecit» (*ibid.*, p. 24.). Veja-se o ponto III do anexo.

nas suas aulas Poliziano incorporasse esta lição, oferecida pelo precioso «codex regius antiquus», o códice de Fernando de Nápoles, como se especifica no impresso bodleiano (com a sigla *c*).

Poderíamos conjecturar que no seu curso Poliziano não foi exaustivo nas emendas, ou então que os seus alunos não foram rigorosos na anotação das lições, em particular Figueiredo, que se revela mais descuidado do que o possuidor do exemplar lisboeta.

Compulsando a lição textual oferecida por Martinho com outras relevantes edições plinianas anteriores, conservadas em bibliotecas portuguesas – a de Beroaldo, a de Palmari e sobretudo a de Beraldo –, podemos concluir que Martinho não parece ter-se servido ou, ao menos, aproveitado qualquer delas. O seu texto admite variantes erróneas, já corrigidas em edições posteriores a Poliziano; possivelmente o Desembargador utilizou uma edição, porventura adquirida na sua estadia em Itália, provavelmente a de Perotto (a mesma que servira de ponto de partida ao seu mestre em Auct. Q. 1.2), juntamente com algumas anotações incorporadas a partir das lições de Poliziano³⁶.

O cotejo entre os textos mostra, de facto, que Martinho de Figueiredo não tem em conta na sua edição importantes emendas explicadas nas *Castigationes* de Barbaro (marcadas por Poliziano no incunábulo oxoniense com a sigla *h*). Neste ponto, a data da colação do texto pliniano indicada por Poliziano (30 de Abril de 1490), a mesma da data da sua explicação aos estudantes portugueses e ingleses, poderá indiciar o seu provável conhecimento das *Castigationes* antes da sua publicação impressa, sobretudo considerando o documentado intercâmbio entre ambos em matéria de crítica textual e o conhecimento do mesmo tipo de códices antigos. Admitindo a hipótese, nada improvável, de que o mestre florentino não tenha referido nas suas aulas aos seus alunos estrangeiros as opiniões de Barbaro, Martinho podia ter consultado o trabalho deste eminente filólogo pliniano, disponível em forma impressa desde 1493. Em suma, o seu trabalho não condiz com a sua indignada crítica, na «Carta aos leitores», a editores não identificados posteriores a Poliziano, gravemente acusados de desatinos editoriais³⁷.

Apesar de não ter aproveitado as emendas de Barbaro para a sua fixação do texto, Figueiredo não desconhecia, contudo, esta obra do patriarca de Aquileia, que chega a parafrasear, sem citá-lo, no seu comentário (*Comm.*, fol. 3). A sua prática geral é, de resto, a de uma permanente omissão de fontes modernas; mesmo na discussão de *loci* problemáticos, não clarifica a argumentação do seu

³⁶ Recorde-se o caso referido dos *recollecta* de Munique, que pressupõem um texto impresso a partir do qual trabalha o autor dos apontamentos. Possivelmente Martinho tinha também à sua disposição um impresso. Os outros dois exemplares da edição de Beroaldo (Treviso, Michele Manzolo, 25 de Agosto de 1479, BNL INC 523, e Parma, Stefano Corallo, 1476, BNL INC 1483) são exemplares limpos de notas que oferecem uma lição não concordante com a de Martinho. A edição de Johannes Baptista Palmarius/Hermolaus Barbarus, Venezia, Bernardino Benali, 1497/1498, BNL INC 992, oferece um texto, com algumas variantes propostas por Ermolao Barbaro impressas na margem em vez de directamente incorporadas no texto, entre elas algumas discordantes com o texto de Martinho. Finalmente, a edição francesa de 1516 de Bérault não pode ser o ponto de partida de Martinho de Figueiredo, pois subsana muitos *uulnera* ainda presentes no *Commentum*. O texto da edição de Perotto constitui um verosímil ponto de partida (cfr. Anexo).

³⁷ O ataque aos maus editores em «Carta aos leitores», *loc. cit.*, pp. 149-151.

tão publicitado mestre. O seu comentário ao vocábulo *conterraneum* abre uma disquisição sobre a pátria de Plínio (a propósito de se era ou não veronense como Catulo), discussão que já aparecia nas *Castigationes*³⁸. Não obstante tal procedimento, em tópicos tão comuns como este, devemos considerar a hipótese de um texto intermédio. Na edição pliniana de Brixia/Bréscia, por exemplo, encontramos uma carta de M. Ruffus que aborda o mesmo assunto³⁹.

Outras coincidências entre o comentário de Martinho e as *Castigationes* indiciam que o autor pode ter-se inspirado na obra de Barbaro: a presença de dois prefácios, uma ao príncipe e outra aos leitores, e tópicos comuns nestes prefácios. No prefácio ao príncipe, por exemplo, é comum a ideia de que dedicar obras aos príncipes é costume antigo («ea litterarum dignitas et quasi praerogativa») ⁴⁰; no prefácio aos leitores, ambos partilham a mesma indignação perante os erros dos impressores, em particular no caso da impressão de caracteres gregos⁴¹.

Em suma, Martinho não assume por inteiro emendas de Poliziano e Ermolao Barbaro, hoje consideradas as mais correctas pelos editores modernos⁴².

4. O prestígio do nome de Poliziano em 1529

Não é de estranhar que Martinho anteponha o nome de Poliziano logo na *inscriptio* da sua edição. Este gesto não significa por si só sintoma de desactualização⁴³. O nome do humanista florentino parece antes funcionar aqui como um verdadeiro escudo de Ajax.

Em 1529, estava fora de dúvida o prestígio de Poliziano, «heros eruditionis» segundo o editor parisiense das suas cartas em 1512, François Regnault⁴⁴. De facto, as suas propostas de depuração do texto pliniano tinham sido consagradas nas mais importantes edições de Plínio durante todo o século XVI⁴⁵.

³⁸ Martinho de Figueiredo, *Commentum*, fol. iii; E. Barbaro, *Castigationes Pliniane et in Pomponium Melam*, ed. Giovanni Pozzi, Padova, 1973-1979, pp. 14-15.

³⁹ «Matthaeus Ruffus, Praelatus in aede diui Thomae ciuitatis Veronae Splendidissimo Equiti Clarissimoque iuris Antistiti Iusto, Veronensium decori» in *Naturalis Historia*, ed. Ioannes Britannicus, Brixiae, opera et impensa Angeli et Iacobi de Britannicorum fratrum, 1496, BL IC 31152, fols. a- a vº.

⁴⁰ «Ad Alexandrum Sextum Praefatio», *Castigationes*, ed. cit., p. 1.

⁴¹ *Ibid.*, p. 4.

⁴² Vejam-se as edições que utilizámos para este cotejo no ponto IV do Anexo. A esta mesma conclusão chega M. J. Araújo Ferreira Lopes, *op. cit.*, pp. 123-132, num estudo apreciável que toma como ponto de partida as *Castigationes* e uma única edição veneziana (1513). Esta última escolha, no entanto, não parece suficientemente justificada (*ibid.*, pp. 38 e 80-81). Deixa de lado as referidas edições conservadas na Biblioteca Nacional, em especial o exemplar com a marca de posse de Tristão Teixeira.

⁴³ Cfr. A. Costa Ramalho, «Humanismo em Portugal», in *Raízes greco-latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 1999, pp. 147-160, em pp. 150-151.

⁴⁴ Em 1505, Pietro Crinito oferecia a Budé as notas de Poliziano sobre o Digesto que lhe irão servir como material fundamental para as suas *Annotaciones in Pandectas* (1508): Francisco Rico, «Luci e ombre del Poliziano intorno al 1525» in *Agnolo Poliziano. Poeta, scrittore filologo. Atti del Convegno Internazionale di Studi* (Montepulciano, 3-6 Novembro 1994, a cura de V. Fera e M. Martelli), Firenze, 1998, pp. 389-402, em p. 398.

⁴⁵ Nauert, *op. cit.*, 419.

Editores como Erasmo, Nicolaus Beraldus e Johannes Caesarius declaravam, poucos anos antes da publicação do *Commentum*, que a dívida principal continuava a ser para com Ermolao Barbaro e Poliziano⁴⁶.

A partir de 1500, como sucedia com o estudo de Plínio, o interesse por Poliziano foi até maior fora de Itália do que na sua pátria, como se comprova observando o importante número de edições da sua obra entre 1500 e 1560 nos principais centros impressores extra-italianos da Europa (Paris, Lião, Basileia, Antuérpia, Alcalá, Salamanca)⁴⁷. No tempo de Martinho, nas escolas europeias francesas, inglesas e hispânicas do século XVI, continuavam a estudar-se obras de Poliziano para aprender a ler correctamente os autores antigos que ele ajudou a depurar e também para lograr uma escrita latina elegante, assim como para adquirir conhecimentos enciclopédicos diversos sobre o mundo antigo⁴⁸.

A ligação específica Plínio-Poliziano em âmbito académico é evidente em diversos documentos impressos no tempo do Desembargador. Uma obra como *Rusticus*, uma das *Sylvae* de Poliziano, era estudada como propedêutica para a *História Natural*. É, neste sentido, eloquente um exemplar de uma edição hispânica das *Sylvae* de Poliziano, impressas em Alcalá de Henares por Arnao Guillén de Brocar, em 1515. Este exemplar, conservado na British Library, contém apontamentos que parecem reflectir as lições de Nebrija, que por sinal também ensinou a *História Natural* em Alcalá⁴⁹.

Esta perspectiva escolar da obra de Poliziano observa-se igualmente no editor de Plínio já referido, Nicolaus Beraldus, que ensinou o *Rusticus* em 1513 e 1514 em vários colégios franceses. Em 1514, publicou o seu próprio comentário desta *Sylva* e em 1519 uma miscelânea de comentários a Plínio aos que acrescentou um prefácio de Erasmo e outro da sua autoria⁵⁰.

Martinho publica, portanto, a sua obra num tempo em que os herdeiros de Poliziano mais dinâmicos se situavam fora da Itália. O impressionante ascendente de Poliziano no humanismo chamado periférico após a sua morte – impacte de que a obra de Martinho constitui apenas o exemplo mais ocidental –, não é contraditória com a assimilação das suas lições num entendimento diferente. A nova geração de humanismo europeu não-italiano era movida por novos objectivos e contextos que transcendiam o modelo de *studia humanitatis* representado por Poliziano, mais especificamente filológico. Em termos de métodos

⁴⁶ *Ibid.*, 308-309.

⁴⁷ A difusão póstuma do trabalho textual de Poliziano tinha já começado, contudo, no século XV em Itália. Um exemplar existente na Biblioteca Nazionale di Napoli, XVI. I.12, contém *C. Plinii Secundi Naturae historiarum libri XXXVII et castigationibus Hermolai Barbari quam emendatissimi editi*, seguramente a edição veneziana de G. Battista Palmari, com muitas notas na *Praefatio* derivadas de Pucci e reveladoras da difusão do estudo pliniano de Poliziano.

⁴⁸ Alejandro Coroleu, «Angelo Poliziano in print: editions and commentaries from a pedagogical perspective (1500-1560)», *Les cahiers de l'Humanisme II* (2001), pp. 191-221, em p. 192, contabiliza 120 edições no período 1499-1559. Cfr. *ibid.*, pp. 194ss.

⁴⁹ Alejandro Coroleu, «Poliziano at Alcalá or a possible witness to Antonio de Nebrija's lectures on the *Silvae*», *Euphrosyne* 26 (1998), 253-260.

⁵⁰ Alejandro Coroleu, «Angelo Poliziano...», *op. cit.*, p. 214; «A rare French edition of Poliziano in Princeton University Library», *The library*, 20, n.º 3 (1998), 264-269; M.-M. De la Garanderie, «Travaux italiens et français sur Pline l'Ancien. L'édition parisienne de Nicolas Bérault (1516)» in *L'Aube de la Renaissance*, ed. D. Cecchetti, L. Sossi, L. Terreaux, Genève, 1991, pp. 209-220.

de edição textual, devedores directos de Poliziano eram Barbaro ou Beroaldo, mas a sua filologia respondia às condições específicas de cada reino particular. Para eles, mais na linha de um Lorenzo Valla, «a verdadeira restauração da matéria antiga, das *litterae humaniores*, não nasce dos opúsculos dos filólogos, mas nos templos e nos foros, no espaço de todos»⁵¹.

5. Conclusão

Tanto o *Commentum* de Martinho de Figueiredo como o Inc. 462, seguramente pertencente a Tristão Teixeira, são documentos de enorme valor. Em primeiro lugar, porque fornecem materiais úteis na aproximação ao que pode ter sido a edição de Plínio, nunca publicada, de Poliziano. Em segundo lugar, constituem testemunhos valiosos dentro do capítulo da fortuna europeia de Poliziano.

Publicar uma obra sobre Plínio respondia aos interesses do grupo palaciano de dirigentes humanistas que rodeavam D. João III. Apresentar a obra como fruto do ensino de Poliziano está longe de ser anacrónico ou extemporâneo, dado o importante prestígio europeu da figura de Poliziano.

No terreno específico da edição textual, a obra de Martinho revela-se contudo bastante imperfeita. Sob a égide do ilustre nome do seu antigo professor, o funcionário de D. João III não aprofundou os problemas especificamente textuais, não estudou edições de Plínio recentes, devidas a humanistas nada secundários (como Bérault ou Erasmo), que incorporaram muito mais exaustivamente as emendas do seu mestre. Tão-pouco considerou suficientemente as excelentes lições textuais de Ermolao Barbaro disponíveis em forma impressa desde 1493 nas suas *Castigationes*⁵².

Contudo, uma primeira análise, ainda superficial, da secção do comentário propriamente dito revela que Martinho explicou Plínio com um volumoso aparato de fontes latinas e gregas, seguindo neste ponto a estratégia de Poliziano, mas configurando esta estratégia num formato escolar que se destaca pela informação predominantemente lexical e enciclopédica mas muito menos filológica. No conjunto, é novamente flagrante a ausência dos nomes de outros estudiosos quatrocentistas e quinhentistas que também comentaram esta carta latina. O estudo pormenorizado desta parte, que ficará para outra oportunidade, poderá provavelmente prestar melhor justiça ao Desembargador de D. João III.

⁵¹ F. Rico, *op. cit.*, p. 401. Neste estudo pode ler-se uma boa reflexão sobre a distância relativamente a Poliziano assumida por humanistas como Erasmo, Budé e Vives, nos quais a filologia está ao serviço do reino e da Cristandade.

⁵² Estas primeiras conclusões já permitem alguma matização das opiniões de A. Costa Ramalho, *Humanismo em Portugal...*, *op. cit.*, pp. 150-151.

O COMMENTUM DE MARTINHO DE FIGUEIREDO (1529) E AS LIÇÕES PLINIANAS DE POLIZIANO (Naturalis Historia, ed. Perotto, Roma, Sweinheim et Pannartz, 1473, Bodleian Library Auct. Q.1.2)

I. Emendas ao texto impresso baseadas em códices antigos incorporadas por Martinho de Figueiredo (*vetus lectio* contra *lectio* impressa). Critério de Poliziano e Barbaro: *honestior enim et ueteribus magis usitata lectio*

MARTINHO DE FIGUEIREDO (1529)	POLIZIANO. Notas em Auct. Q.1.2 (1490?)	Naturalis Historia, ed. PEROTTO (1473)	ERMOLAO BARBARO. <i>Castigationes</i> (1492-93)	Naturalis Historia, ed. BEAUJEU-A. ERNOUT (1950)
maxime	b. c. h. maxime/ h. et maximi	maximo	maximi/maxime	maximi
triumphalis et censorius sexiesque consul	b. c. triumphalis et censorius sexiesque consul	triumphale et censorium ius exaeasque consul		triumphalis et censorius sexiesque consul
sortiatur aliquis iudicem	h. mirabiles	sortiatur ne aliquis iudicem mirabiles	sortiatur aliquis iudicem mirabiles	sortiatur aliquis iudicem mirabiles
mirabiles	h. mirabiles	tas idiongedias	Encyclopaedias	ἐνκυκλίον παίδεσίας
Encyclopaedias	h. attigi	attici	attigi	attigi

II. Emendas ao texto impresso não incorporadas por Martinho de Figueiredo

MARTINHO DE FIGUEIREDO (1529)	POLIZIANO. Notas em Auct. Q.1.2 (1490?)	Naturalis Historia, ed. PEROTTO (1473)	ERMOLAO BARBARO. <i>Castigationes</i> (1492-93)	Naturalis Historia, ed. BEAUJEU-A. ERNOUT (1950)	T. TEIXEIRA notas mss. * em ed. Beroaldo (1480)	Naturalis Historia, ed. BEAUJEU-A. ERNOUT (1950)
obticere moliar	h. obiter molliam	obticere moliar	obiter molliam	obiter emolliam	*obter	obiter (molliam)
Lellium Decimum	h. Junium Congium/ aut Congrium	Lellium Decimum	Junium Congium aut Lellium Congrum	Junium Congium	*Junium Congium	Lellium Decimum
nec fiducia operis haec est sed dicatura	haec indicatura	nec fiducia operis haec est sed dicatura	haec fiducia operis est haec indicatura	haec fiducia operis haec est dicatura	*indicatura	haec fiducia operis est, haec indicatura.
A fine Aufidi Bassi	haec res/ c. h. a fine Ausidiis Bassi; ubi sunt inquires ou inquiris	A fine Aufidi Bassi, que iam pridem Per acta sancitur	A fine Aufidi Bassi ubi sit ea quaeres	A fine Aufidi. Ubi sit ea quaeres.	A fine Aufidi Bassi. Ubi sit quae quaeres	A fine Aufidi Bassi. Ubi sit quae quaeres
iam iam mos Pandectae Enchiridion Pinachidion	z. iam iam mos/ enchiridia et limon/ h. non mos musae/ musae aliter mosae	iam mos pandecte Enchiridion pinachidion	iam Musae pandectae enchiridia et limon	iam Ἰτα, Μουσά, Πανδέκτα, Ἐγκυρίδια, Λεμίων, Πινάξ, Σφιδίων	*iam iam mos Πανδέκτα, Ἐγκυρίδια, Λεμίων, Πινάξ, σφιδίων	iam Ἰτα, Μουσά, Πανδέκτα, Ἐγκυρίδια, Λεμίων
pantomimus	h. paulominus	pantomimus	paulo nimis	paulo minus	*paulo minus	paulo nimis
sustulit	Sexculikem	sustulit	Sexculikem	Sexculix	Sexculix	Sexculissem
qui ita reproberit ut eligant	qui ita reproberit/ A(ii) qui uti legent	qui ita reproberit ut eligant	qui uti eligant	qui uti eligant	(texto impresso: multos fore qui inuiti legent)	qui uti eligant

III. mussitamur/musinamur/muginamur

MARTINHO DE FIGUEIREDO (1529)	POLIZIANO. Notas em Auct. Q.1.2 (1490?)	Naturalis Historia, ed. PEROTTO (1473)	POLIZIANO, <i>Secunda Centuria</i>	Naturalis Historia, ed. BEAUJEU-ERNOUT (1950)	T. TEIXEIRA notas mss.* em ed. Beroaldo (1480)	Naturalis Historia, ed. BERALDUS (1516)
mussitamur	muginamur (tanquam apud Festum)/c. musinamur	mussitamur	musinamur/muginamur	musinamur	mussitamur	mussitamur

IV. Identificação dos elementos considerados em Anexo. I, II e III

MARTINHO DE FIGUEIREDO, *Commentus in Plinii Naturalis Historiae Prologum a iuris utriusque doctore Martino Figuereto editum serenissimi Portugaliae regis senatore*, Lisboa, Germão Galharde, 1529

PLÍNIO, *Naturalis Historia*, ed. Perotto, Roma, Sweinheim et Pannartz, 1473, Bodleian Library Auct. Q.1.2

HERMOLAI BARBARI *Castigationes Plinianaes et in Pomponium Melam*, ed. Giovanni Pozzi, Patavii, 1973-1979

PLÍNIO, *Histoire naturelle*, ed. Jean Beaujeu, introd. Alfred Ernout, Paris, Les Belles Lettres, 1950

PLÍNIO, *Naturalis Historia*, ed. Beroaldo, Parma, Andrea Portilia, 1480, BNL INC. 462 (com marca de posse 'Tristram Teixeira')

PLÍNIO, *Naturalis Historia*, ed. Beraldus, Paris, Beraldus et Reginaldi Chalderii, 1516, BNL RES. 829 A

V. Sistema de siglas dos códices utilizados por Poliziano (Auct. Q.1.2, fol. 1 r):

1. - c = *codex regius antiquus* = hoje dividido: livros VII-XV em Oxford, Bodleian Library, auct. T. I. 27; livros XVI-XXXVII em Paris, BNF lat. 6798, s. XII *med.*
2. - b = (códice de biblioteca de S. Marco) = Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Plut. 82.1-82.2, s. XII/XIII
3. - a = (códice de biblioteca de S. Marco) = Firenze, Biblioteca Riccardiana, 488, s. IX *med.*
4. - h = Hermolaus Barbarus, *Castigationes*.

Edições humanistas da *Naturalis Historia* de Plínio, em exemplares de bibliotecas portuguesas

MANUEL J. S. BARBOSA
Univ. Lisboa, Fac. Letras, CEC
menamanel@sapo.pt

Da *Naturalis Historia*¹ de Plínio pode afirmar-se com segurança estarmos perante um daqueles textos que nunca se perdeu, pelo facto de, desde bem cedo, ter sido encarado como um texto fundamental, de que não se podia prescindir. Inúmeras vezes copiado, nem sempre a partir dos exemplares mais fidedignos e, na maioria dos casos, em versões parciais ditadas por interesses específicos, com base em textos de segunda mão ou mesmo a partir de textos de compiladores, este texto apresentava-se com uma fiabilidade sempre questionável pelos seus leitores. Desta transmissão precária é testemunho eloquente uma carta de Símaco a Ausónio em que, referindo-se a um manuscrito da *NH* enviado ao poeta, o orador e político romano do séc. IV afirma que o texto está cheio de erros mas que, mesmo assim, é preferível dispor dum que se sabe conter erros, a não dispor de nenhum².

Com a chegada da imprensa e perante a perspectiva da edição da *NH*, os humanistas viram-se confrontados com a ingente tarefa de corrigir texto tão corrompido. Iniciou-se então em torno da *NH* uma *sã aemulatio*, no domínio da crítica textual, entre humanistas de várias gerações, todos apostados em aproximar-se da pureza original do texto. As várias edições desta obra, na fase dos incunábulo em finais do séc. XV e, de seguida, na do livro propriamente dito, permitem-nos testemunhar, nos prefácios que as antecedem, vários momentos desta árdua e sempre inacabada batalha filológica pela restituição do texto original de Plínio. Erasmo, no prefácio à sua edição de 1525, saída em Basileia na tipografia dos Froben, refere-se-lhe de forma sugestiva com o dito plautino alusivo à maior carga de trabalhos que representa comprar um barco e uma mulher³. O mesmo se deverá dizer da edição do texto de Plínio, prossegue o humanista holandês, exortando a que, em torno de texto tão útil, não se poupem esforços em ordem à sua restituição integral. «E a recompensa é valiosa, porque

¹ Passaremos a designá-la ao longo deste artigo pela sigla *NH*.

² Símaco, *Correspondência*, I, 24.

³ «Negotii sibi qui uolet uim comparare, nauim et mulierem haec duo comparato. Nam nullae res magis duae plus negotii habent» (*Poenulus*, I, 2, 211).